

PULSÕES FOTOGRÁFICAS: BORIS KOSSOY

Fernando de Tacca





Essa é uma série de escolha pessoal do fotógrafo Boris Kossoy. Não podemos classificá-la como um ensaio ou como narrativa; cada imagem tem existência única na vivência do ato fotográfico. Podemos tentar encontrar algum elo do olhar, da escolha e quem sabe das intimidades visuais do autor. Fora de contextos autorais ou de sentimentos decisivos, aquilo que nos atinge sem pretensões pré-concebidas é como portais também pessoais e a fotografia como estado de arte escapa do criador pela sua condição massiva. Exerço aqui uma experiência de leitor distante da escolha pessoal do autor, uma condição de absorção de intencionalidades em tensão dialógica, campo poético entre palavras e imagens.

Qual dizível e indizível me fala, me olha e me toca? Posso buscá-lo em cercanias de arredondamentos pulsativos e tentar envolver o leitor. Posso até mesmo encontrá-los nos olhares das pessoas fotografadas, ainda que sejam em desacordo com o ato fotográfico.



Pressinto uma ironia latente nessas imagens de Kossoy. A luz é a ferida mais penetrante, aquela que nos salva do comum. E o fotógrafo é isso, sua distinção e sua angústia abismal, como o fotógrafo de Bioy Casares flanando pela cidade de La Plata.

Não há como escapar de uma perpétua solidão no silêncio magistral na dimensão oculta do inatingível, aquele que rege nossa dúvida de sempre e em música ali nos espera. Que felicidade poder assim nos projetar na morte, um concerto de contracanto para a melodia principal, a vida.

Ironia de imagens encontradas no flunar por uma vida fotográfica, algo a ser sentido como uma luva que toca o pensar, a imagem como parte de algo que sempre podemos penetrar, mas sem nunca sairmos cicatrizados. Parecem-nos como feridas abertas, pontos em sutura ainda vertentes no acaso da luz.

O silêncio passivo de um ser pensante em reflexão pétrea abarca o espaço público, afinal o que seríamos se desconhecêssemos nossas individualidades e subjetividades? Seres solitários de caminhos curvos conduzem o jogo de luz para dentro do quadro infinito, novamente o silêncio se impõe. O realismo fantástico nos impacta em corpos fragmentados de máscaras surreais, de bonecas alegóricas em abandono e simulacros em êxtase. Por onde anda o Sr. Américo?





Se ao chinês em contemplação de deslocada etnocentricidade na procura de compreensão do não lugar habitado por sua cultura encontramos uma janela prisional, o que dizer dos abutres amazônicos em desconcerto com a natureza, ou dela sendo sua limpeza em desequilíbrios atônicos. Noutro lugar plástico encontramos o desequilíbrio em uma mera lata de lixo indicativa da quebra da regra.





Na nossa liberdade trágica construída em céu anil de contraste social, para que serve afinal sua espada, para que serve sua venda, para que serve sua presença imperiosa em terra de desajuste? Uma grande angular sem contracampo... Latinamérica farejada por cães cercados nas fontes coloniais vê sua sede de justiça como posição de isolamento de sua condição perene.



E o que dizer da luz? A tênue luminosidade do entardecer em águas cubanas, cadeira vazia esperando quem sabe o grande astro vir assentar-se como em poema de Maiakovski, para um chá com indispensáveis charutos cubanos. Fico a imaginar o sol e o poeta russo ali fumando charutos, conversando sobre o mar de Hemingway, conversando sobre os oceanos, moradia de nosso inconsciente.



Será que a linda baiana da cidade alta a nos interrogar com seu olhar teria alguma intimidade com o garçom? Ela não está sentada como as demais pessoas e o poste é seu ponto de apoio. Anuncia-se no poste um show de Castro Cunha, teria ela ido? Perguntas tolas a que a fotografia não nos dá respostas. Parece que ela parou sua rotina para interrogar com seu olhar direto o fotógrafo que ali passava com sua câmera, quase início de uma conversa. Carrega uma revista junto ao peito, talvez estivesse ela ali sentada, tomando um sorvete na Cubana e lendo sua revista. A fotografia não conta anterioridades e posterioridades, temos somente o enquadramento, a composição e os gestos como narrativa, e o fotógrafo é introduzido na curta história através de seu olhar.



Somente o sentido do momento vive na percepção do ser sensível em inconsciente imagético, característica da vivência fotográfica além do aparelho. Nessa hora, tudo joga a favor, até mesmo o aparelho. Não há embate e sim encontro entre homem e máquina, e ao final nos rendemos ao indizível.